

A UTILIZAÇÃO DA ARQUITETURA POR AUGUSTO COMO ESTRATÉGIA DE PODER DURANTE O PRINCIPADO

MACSUELBER DE CÁSSIO BARROS DA CUNHA

Doutorando em História (UFG)

Bolsista da CAPES

macsuelber@hotmail.com

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves

RESUMO

A importância conferida por Augusto à arquitetura foi expressiva, de tal forma que em diversos momentos de seu governo ele demonstrou o interesse que dedicava a este aspecto, bem como foi enaltecido e eternizado por diversos autores que escreveram sobre ele, louvando esta sua atitude de empenho na construção, material e simbólica, de Roma enquanto capital de um vasto império territorial. Neste trabalho, refletimos sobre os precedentes de Augusto quanto à utilização da arquitetura para a perpetuação de uma memória, para a manutenção de poder e prestígio e para o engrandecimento e embelezamento de Roma, bem como tratamos da forma como Augusto se inseriu nesta tradição do uso da arquitetura, superando seus predecessores, de modo que ele foi tomado como o modelo que deveria ser emulado pelos que o sucederam.

PALAVRAS-CHAVE

Roma; Augusto; Construções; Arquitetura.

ABSTRACT

The importance given by Augustus to architecture was expressive, so that at various times of his government he showed his interest in this aspect, as well as was praised and eternalized by several authors who wrote about him, praising his attitude of commitment in the material and symbolic construction of Rome as the capital of a vast territorial empire. In this paper, we reflect on Augustus' precedents regarding the use of architecture for the perpetuation of memory, the maintenance of power and prestige, and the enhancement and beautification of Rome, as well as the way in which Augustus inserted himself in this tradition of use of architecture, surpassing

its predecessors, so that he was taken as the model to be emulated by those who succeeded him.

KEYWORDS

Rome; Augustus; Constructions; Architecture.

INTRODUÇÃO

A arquitetura constituía uma importante ferramenta política na Antiguidade, pois por meio dela poder-se-ia imortalizar o nome e os feitos da pessoa responsável pela construção, na medida em que seu nome ficaria sempre ligado à ela, mesmo após sua morte, principalmente pelo fato de que era dever da família manter, e se fosse preciso, restaurar a obra ao longo do tempo. A arquitetura, portanto, deveria manter vivo, na memória das futuras gerações, o nome de seu idealizador e os fatos relacionados à sua obra arquitetônica.

Otávio Augusto, considerado o primeiro imperador de Roma, ao longo de seu governo se utilizou em grande medida de construções e reconstruções de edifícios públicos como uma de suas estratégias políticas. Dando continuidade a esta prática tradicional, ele se utilizou da arquitetura para o engrandecimento, dignificação e monumentalidade de Roma, que passou a ser a capital do mundo conhecido, e junto a isso imortalizou seu nome e seus feitos, sendo visto pela posteridade como aquele que transformou Roma numa cidade de mármore.

No imaginário romano cristalizou-se a percepção de que a utilização da arquitetura era extremamente importante não só para a cidade de Roma como para a imagem de seus responsáveis, de modo que os reis do passado e muitos outros importantes personagens da história romana tinham seus nomes relacionados com alguns edifícios públicos que faziam parte da história topográfica de Roma. E Augusto soube se inserir neste costume, dando atenção redobrada à arquitetura, moldando uma nova forma de governo que passaria a ser conhecida como principado, mas também construindo e remodelando o suporte material que daria sustentação e que permitiria o desenvolvimento do principado, bem como de Roma enquanto capital de um amplo império.

No entanto, antes de tratarmos sobre a utilização da arquitetura pelo princeps, é necessário que falemos um pouco sobre as importantes figuras que serviram de precedente no que concerne ao afã construtivo, pois, apesar da negligência a que os autores do período de Augusto aludem e à qual teriam sido entregues os templos e outros edifícios públicos, devido às guerras civis, no passado recente do romano de então, Roma tinha servido de palco para o surgimento de importantes obras arquitetônicas que a embelezaram e a engrandeceram, proporcionadas por homens como Sula, Pompeu, César e outros.

Recuando um pouco mais, percebemos que o segundo século a.C. presenciou importantes mudanças em Roma. De acordo com Fillipo Coarelli (2007, p. 4-5), nes-

te período, o desejo de conquistar apoio político do povo romano fez com que famílias importantes buscassem exibir seu poder e prestígio como estratégia política, de modo que o Fórum¹, o Capitolino² e o Campo de Marte³ foram adornados com pórticos, jardins, templos monumentais e complexos de entretenimento; além disso, novas instalações, incluindo um porto, armazéns e aquedutos, contribuíram para o suprimento da cidade. De acordo com este autor, o fenômeno do desenvolvimento urbano baseado na exibição de riqueza e poder é uma característica distintiva do Fórum, do monte Capitolino e do Campo de Marte.

Além disso, como nos esclarece Diane Favro:

Para a sociedade romana em particular, as intervenções urbanas foram muitas vezes altamente politizadas. Os patronos antigos buscaram o retorno máximo de seus investimentos usando cada estrutura para transmitir o significado desejado, além de atender a uma função específica. Os edifícios eram ferramentas de autoavaliação, competição política e glorificação do Estado. [...] À medida que a posição de certos indivíduos se inflava no final da República, eles começaram a explorar projetos cada vez maiores como transmissores de status pessoal e propaganda, incluindo paisagens urbanas. Simultaneamente, a população assumiu uma relação proprietária com todos os edifícios dentro da cidade e com suas mensagens codificadas (FAVRO, 2008, p. 10).

De acordo com D. Strong (1968, p. 101), Sula foi o primeiro romano da República com a ambição, os recursos e a oportunidade de contemplar a reconstrução de Roma pro *maiestate imperii*; ele não era apenas um general triunfante a construir em Roma, ele tinha esquemas muito maiores de reconstrução e melhoria, e ele atuava como magistrado no cargo com autoridade especial do Senado para realizar determinadas obras públicas importantes.

Para Favro (2008, p. 55-57), os projetos de Sula em Roma revelam uma grandeza de concepção e uma monumentalidade urbana que faltavam em obras republicanas anteriores. Após o incêndio de 83 a.C., que destruiu o Templo de *Iupiter Optimus Maximus* no Capitólio, Sula iniciou sua reconstrução, na qual planejou substituir a estrutura de estilo etrusco por um templo em mármore; para isso, ele trouxe as enormes colunas do templo inacabado de Zeus *Olympieion* de Atenas. Com a morte de Sula, Cátulo⁴ completou a reconstrução, assim como terminou a construção do

1 O Fórum Romano era o coração da *Vrbs*, centro de destacada importância política, religiosa, econômica e social.

2 Uma das sete colinas de Roma, o Capitolino possuía grande importância simbólica, social, religiosa e política. Era sobre esta colina que estava o templo de *Iupiter Optimus Maximus*, principal templo de Roma.

3 Região dedicada a Marte. Foi o lugar de discussão de assuntos militares e eleições mantidas nos *comitia centuriata* (eleição de Cônsules, Pretores e Censores) e mais tarde nos *comitia tributa* (eleição de Questores, Tribunos e Edis); também era o local onde a cada cinco anos o censo era realizado.

4 Quinto Lutácio Cátulo foi cônsul em 102 a.C., juntamente com Caio Mário. Depois de um desentendimento com este último, Cátulo se aliou a Sula.

Tabularium (Fig. 1), que conferiu uma silhueta equilibrada e monumental na fronteira entre a colina Capitolina e o Fórum Romano. Sula também começou a retrabalhar o Fórum Romano, fazendo uma nova pavimentação de tufo Monte Verde, que elevou a área aberta central do Fórum quase um metro, o que exigiu a reformulação de praticamente todas as estruturas do Fórum, bem como das estradas que levavam às colinas Palatina e Capitolina. Também foi responsável pela reconstrução da Cúria Hostília (Fig. 1). Além de transformar o Capitólio e o Fórum, Sula financiou dois templos para Hércules e realizou melhorias nas estradas em toda a cidade. Para Favro (2008, p. 55-57), Sula conseguiu fazer suas próprias intervenções em Roma e dirigir as de outros e, com seus poderes ditatoriais, ele começou a olhar para os ambientes urbanos como demonstradores de sua elevada posição pessoal. Além disso, as intervenções de Sula na paisagem urbana refletem seus poderes pessoais e sua busca por fama, mas simultaneamente estão na tradição dos magistrados anteriores que financiaram projetos urbanos para melhorar o domínio público.

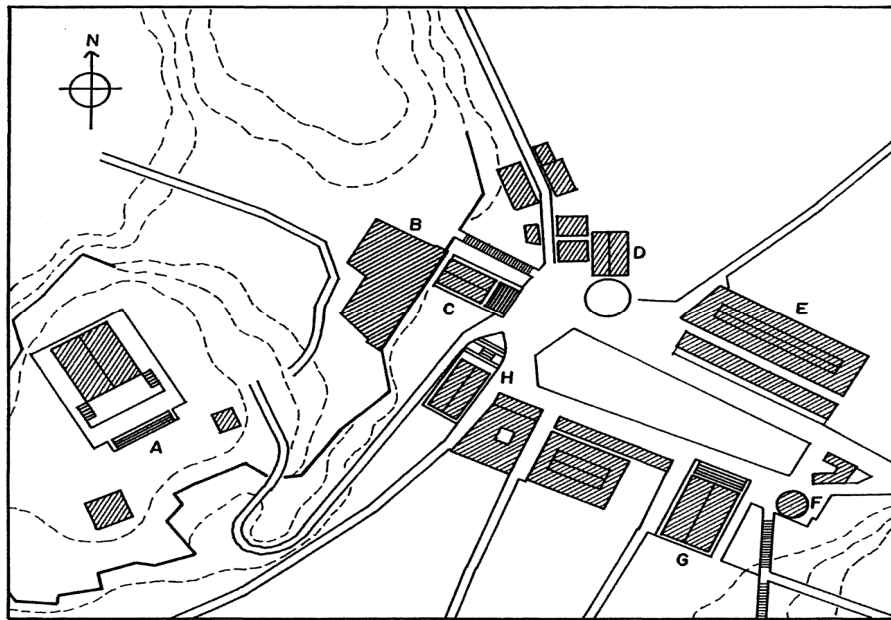


Figura 1: Monte Capitolino e Fórum Romano no tempo de Sula: (A) Templo de Júpiter Capitolino, (B) Tabularium, (C) Templo de Concórdia, (D) Cúria Hostília, (E) Basílica Emília, (F) Templo de Vesta, (G) Templo de Castor e Pólux, (H) Templo de Saturno (STAMPER, 2005, p.83).

Entre os anos de 60 e 50 a.C., o cenário construtivo em Roma foi dominado por Pompeu e César. Pompeu construiu o primeiro teatro⁵ de pedra permanente em

5 Segundo Richardson (1992, p. 380), em Roma, a princípio, as peças eram realizadas em simples palcos de madeira e uma vez que todo o drama era uma forma de observância religiosa, deve ter se tornado costumeiro construir o palco em frente aos degraus do templo e usá-los para permitir aos espectadores obter uma melhor visão dos procedimentos. Com a crescente popularidade do drama e a multiplicação de ocasiões que permitiam os *ludi scaenici*, os responsáveis por montar teatros construíram teatros cada vez mais belos, mas no início eles eram sempre desmontados no final, já que teatros

Roma com um pórtico adjacente e um local de encontro para o Senado. O teatro foi dedicado em 55 a.C. e no alto da cávea havia um templo para *Vênus Victrix*; o edifício de Pompeu e a escolha do local teriam influência de longo alcance sobre a história da arquitetura romana. O teatro estabeleceu o modelo a ser seguido em todo o império. César também teve papel atuante na mudança da paisagem arquitetônica de Roma, no entanto, seus planos eram muito mais ambiciosos e muito mais claramente direcionados. Ao contrário de Pompeu, César teve um interesse genuíno no planejamento para apoiar suas atividades. Ele escolheu limitar-se a projetos de utilidade pública que normalmente eram de responsabilidade dos censores, mas seus esquemas eram muito mais onerosos e ambiciosos do que qualquer censor já havia realizado (STRONG, 1968, p. 101-102).

A atividade construtiva de César foi enorme e entre as obras atribuídas a ele se encontram a Basílica Júlia⁶, a Cúria Júlia⁷ e uma Rostra⁸, no Fórum Romano e o grandioso Fórum Júlio, considerado o primeiro dos fóruns imperiais, já que serviu de inspiração para os posteriores, sendo constituído de um amplo espaço retangular aberto, cercado por pórticos e com um templo, dedicado a *Vênus Genetrix*, em lugar de destaque. Além disso, ele planejou a construção de um teatro⁹, da *Saepta Júlia*¹⁰, das primeiras bibliotecas públicas em Roma, e teria planejado alterar o curso do rio Tibre¹¹. Com sua morte, muitos de seus projetos tiveram que ser terminados por Otávio Augusto.

Durante o tempo de Pompeu e Júlio César, a arquitetura de templos e fóruns de Roma tornou-se cada vez mais monumental, o uso do mármore como material de construção e a Ordem Coríntia deram uma nova qualidade e grandeza ao desenvolvimento urbano.

permanentes eram proibidos em Roma. Em 151 a.C. os Censores se comprometeram a construir um teatro permanente, mas o Senado decretou que o teatro deveria ser desmanchado. Esta proibição não deve ter durado muito tempo, pois antes de 100 a.C., L. Licínio Crasso trouxe colunas de mármore para adornar o teatro que ele construiu. Em 58 a.C., Emílio Escauro construiu um teatro de luxo e com rico adorno, que permaneceu por vários anos. Mas o primeiro teatro permanente em Roma foi o de Pompeu.

6 As basílicas serviam especialmente como salas de negócios, lugares onde os banqueiros montaram suas mesas e coisas do gênero. Local privilegiado para a realização de tribunais. A Basílica Júlia foi iniciada por Júlio César por volta de 54 a.C., com os despojos das guerras Gálicas, e foi dedicada inacabada em 46 a.C., de modo que após a morte de César, Otaviano terminou a construção

7 Edifício no qual se reuniam os Senadores. Tal edifício foi iniciado por César no início de 44 a.C., e concluído por Otaviano, que o inaugurou em 29 a.C.

8 Plataforma de oradores geralmente decorada com rostra, esporões de navios, de onde deriva seu nome.

9 Tal teatro iniciado por Júlio César foi concluído por Augusto em 13 a.C. e recebeu o nome de seu sobrinho Marcelo.

10 A *Saepta* era um grande recinto retangular que foi iniciada por Júlio César, que a projetou já em 54 a.C. para substituir o antigo local de votação (*Ovile*) dos romanos nos *comitia centuriata* e tributa. Foi concluída e dedicada por Agripa em 26 a.C.

11 César teria concebido a ideia de alargar o *Campus Martius* desviando o Tibre, mas até onde sabemos o projeto nunca foi mais do que uma proposta.

Novas configurações foram planejadas para os templos para fazê-los parecer ainda mais grandiosos. Em um caso, o templo foi colocado no topo da cãvea de um teatro; em outro, foi enquadrado por dois longos pórticos. Os templos foram feitos maiores do que os seus homólogos romano-etruscos, sua altura foi atenuada, e seus materiais de construção eram mais bonitos (STAMPER, 2005, p. 84).

Além das atividades destas importantes figuras no que concerne à arquitetura dos edifícios públicos em Roma, e que serviram de precedente à atividade construtiva de Augusto, não podemos deixar de tratar aqui, mesmo que rapidamente, do importante papel desempenhado pelos *uirii triumphales*, que, com o espólio de suas conquistas, dedicaram templos e outros edifícios públicos em Roma. Mesmo porque, como vimos, tais empreendimentos elevavam o prestígio daqueles que propiciavam tais obras para a cidade. No que concerne à construção de templos, de acordo com Eric Orlin (2002, p. 67), os generais, ao os prometerem e os construírem durante a República, poderiam criar a imagem de um indivíduo que colocava os interesses do Estado acima dos interesses próprios, visto que a construção de um templo servia aos “melhores interesses do Estado”. Ainda com relação à construção da moradia dos deuses Adam Ziolkowski (1992, p. 307) ao longo de sua obra demonstra como tal empreendimento foi amplamente utilizado durante a República, em especial a partir do quarto século a.C., pois segundo este autor mais de 50 templos foram construídos entre 396 e 219 a.C. e cerca de 35 foram construídos entre 218 e 50 a.C.

Os *uirii triumphales* seguiram uma prática há muito estabelecida. O costume de comemorar um triunfo com a construção de um edifício público *de manubiis*¹², ou seja, com as riquezas advindas dos espólios de guerra, era um costume não só atestado por frequentes referências a esses edifícios nos registros históricos da República, como também era reconhecido pela tradição como um acompanhamento do triunfo. Com as riquezas advindas do espólio, o general triunfante deveria arcar com o pagamento de seus soldados, com o pagamento das despesas do triunfo, e com a construção de um templo ou edifício público. Quando um general vitorioso se comprometia a fazer tais construções de manubiis, o fazia com prontidão razoável, uma vez que o progresso do edifício era algo que todos podiam ver. Além disso, quando uma grande obra pública de alguma magnitude era atribuída a um general conhecido por ter recebido um triunfo, o edifício tinha maior probabilidade de estar conectado com a vitória e o triunfo, uma vez que a opção de gastar os *manubiae* em tal edifício criou a condição mais favorável para a construção de um monumento em grande escala (SHIPLEY, 1931, p. 11-12).

Vemos com isso, a importância que as construções possuíam com relação à memória. Segundo Catherine Baroin (1997, p. 610), a memória ocupava um lugar central na cultura romana; os antigos atribuíam aos lugares um poder de lembrete e o próprio *monumentum* era um lembrete, de modo que os lugares onde havia *monu-*

12 De acordo com Eric Orlin (2002, p. 117), não há um consenso com relação a uma definição precisa do termo *manubiae*, de modo que podemos afirmar apenas que o termo se refere aos espólios de guerra e que os generais vitoriosos possuíam a iniciativa de organizar a distribuição de tais espólios.

menta referentes a homens do passado eram portadores de memória, memória que os sucessores escolheram manter ou suprimir e para o qual eles queriam adicionar ou substituir seus próprios traços. De acordo com Mary Jaeger (1997, p. 18, apud: ORLIN, 2007, p. 83), “o monumento controla e dirige os pensamentos do espectador enquanto se movem do presente ao passado, depois de volta ao presente e ao futuro”.

Desta forma, as construções realizadas pelos *uiri triumphales*, com os espólios de guerra, constituíam verdadeiros monumentos que evocavam o passado e perpetuavam a recordação, mantendo o nome deles vivo na memória da população, mesmo porque, como nos esclarece Geoffrey Sumi (2009, p. 168), para os romanos, grande parte da sua história estava contida nos monumentos que salpicavam a paisagem da cidade, e esses monumentos agiam como uma espécie de dispositivo mnemônico que permitia aos romanos lembrar alguns dos grandes eventos do passado. Seguindo a mesma perspectiva, Favro (2008, p. 48) afirma que:

No primeiro século a.C., quase todos os cantos urbanos evocavam memórias de eventos significativos. O tecido urbano serviu como um recorde histórico. A cada passo, o pedestre encontrava documentação dos grandes residentes da cidade. Inscrições, esculturas, pinturas, relevos e nomes de construções, todos transmitiam informações sobre o passado (FAVRO, 2008, p. 48).

E Augusto era ciente da importância da arquitetura com relação à memória e soube utilizá-la para o engrandecimento e monumentalidade da cidade, bem como para a melhoria da infraestrutura romana, o que permitia o desenvolvimento da capital como sede do império. Tanto que, já no período triunviral, ele e Agripa demonstraram bastante preocupação com a manutenção e a construção de edifícios públicos e de outros componentes da infraestrutura básica da cidade, preocupação demonstrada, por exemplo, por meio dos templos iniciados neste período ou por meio das atividades desenvolvidas no ano de 33 a.C.; após a vitória em Ácio, contra Marco Antônio e Cleópatra, também percebemos este interesse de Augusto com relação à utilização da arquitetura na construção de uma imagem positiva de si, não só pelas construções empreendidas em Nicópolis¹³, como também pelas intervenções realizadas no Campo de Marte, pelas importantes construções consagradas no Fórum Romano, após seu triplo triunfo, e pelos inúmeros templos restaurados por ele em 28 a.C. Além disso, seu Fórum, juntamente com o templo dedicado a Marte Vingador, foi o projeto que melhor ressaltou sua imagem do triunfador que proporciona obras grandiosas a partir das riquezas advindas dos espólios de guerra, de forma que ele, assim o fazendo, se inseria na tradição dos *uiri triumphales*.

Com relação a sua imagem de triunfador é importante ressaltar que Augusto manipulou cerimônias políticas e explorou a mídia visual de forma a monopolizar tal imagem. Paradoxalmente, uma das formas que ele se utilizou para isso foi evitando

¹³ Cidade dedicada à Vitória, fundada por Otaviano próximo ao promontório de Ácio.

procissões triunfais depois de seu magnífico triplo triunfo em 29 a.C., além de conseguir restringir os triunfos de outros generais. Ao mesmo tempo ele fez pleno uso de outras cerimônias, honras, moedas e monumentos que proclamavam sua associação pessoal e contínua com o papel de triunfador (HICKSON, 1991, p. 124).

Tal política foi de extrema importância, haja vista que, no que se refere às vitórias militares, o então Otaviano tinha rivais que poderiam competir com ele pela proeminência em Roma. Como nos lembra Rosalinde Kearsley, ao afirmar que Licínio Crasso, cônsul em 30 a.C., caracterizou-se como um potencial rival e o mais indesejado à reivindicação de Otaviano pela liderança militar de Roma após 31 a.C., pois em sua campanha militar como governador da Macedônia, Crasso se distinguiu entre os comandantes romanos de uma maneira extremamente rara, já que ele conseguiu capturar a armadura do rei inimigo em combate singular (2009, p. 148-156). Segundo esta autora, para Otaviano, essa conquista deve ter representado o surgimento de uma ameaça perturbadora para seu próprio desejo de supremacia contínua. Ele não podia permitir que Crasso o superasse devido à importância que a dedicação dos *spolia opima* tinha no imaginário da época, já que a façanha dos *spolia opima* tinha sido alcançada por apenas três romanos antes dos 29 a.C., sendo que Rômulo foi o primeiro. Isso deve ter marcado Crasso como o oponente mais perigoso de Otaviano, de modo que Crasso realizou o triunfo, mas não pode dedicar os *spolia opima*.

De acordo com Frances V. Hickson (1991, p. 127-128), a vitória para a qual Crasso recebeu seu triunfo provavelmente desempenhou um papel muito importante na decisão de Augusto de buscar uma política mais restritiva em relação aos triunfos. Certamente ele não gostou de oferecer a um líder militar rival uma oportunidade tão extraordinária de atrair o favor popular em um momento em que ele ainda estava consolidando seu próprio poder. Para este autor, a experiência com Crasso enfatizou a necessidade de lidar com potenciais rivais, que ainda ameaçavam o poder do novo regime, levando Augusto a estabelecer políticas mais restritivas em relação aos triunfos, de modo que, em 27 a.C., Augusto realizou uma reorganização da administração provincial, na qual ele nomeou os *legati pro praetore* para governar a maioria das províncias onde as campanhas militares eram comuns. Esses *legati* lutavam sob os auspícios de Augusto e como não possuíam *auspicia* independente, nenhum desses generais recebeu triunfos por suas vitórias. Nas restantes províncias, o Senado continuou a nomear procônsules possuindo *auspicia* sua e, portanto, o direito de triunfar. Mas como este autor nos lembra, com exceção da África e da Macedônia, essas províncias não precisavam de presença militar significativa e ofereceu poucas oportunidades para vitórias dignas de triunfos.

Percebemos, com isso, como Augusto se utilizou da imagem de triunfador e de seu papel de proporcionar grandes obras arquitetônicas ao povo, para construir uma imagem positiva de si, deixando seu nome, seus feitos e suas obras arquitetônicas inscritos na memória das futuras gerações.

Ao celebrar apenas o triplo triunfo, Augusto centrou a propaganda triunfal do Principado nesse evento extraordinário. O número três é significativo. Augusto colocou-se firmemente dentro da tradição

republicana, recusando-se a aceitar novos triunfos. De acordo com os *fasti triumphales*, apenas três homens haviam excedido esse número; todos eram ditadores. Claramente, essa não era uma imagem que Augusto desejaria promover. Ao limitar-se a três triunfos, no entanto, Augusto identificou-se com um líder cuja imagem ele achou agradável. Os três primeiros triunfos listados nos *fasti triumphales* pertencem a Rômulo, o *primus conditor urbis*. Das vitórias de Augusto, evidências monumentais e numismáticas indicam que Ácio foi o principal assunto das imagens de triunfo. Esta foi a vitória pela qual, como a propaganda imperial sublinhou, Augusto preservara a República. Ao não celebrar triunfos repetidos por vitórias menores ou vitórias em que ele desempenhou um papel menor, Augusto protegeu sua imagem como triumphator par excellence (HICKSON, 1991, p. 137).

Deste modo, o *princeps* estava inserido na forma tradicional de embelezar Roma com grandiosas construções, como Sula, Pompeu, César e outros uiri triumphales haviam feito. No entanto, ele levou esta prática a um elevado grau de sofisticação, de modo que, apesar do grande número de construções durante a República, alguns autores defendem que tais empreendimentos não se comparam com os feitos de Augusto durante seu governo. Diane Favro (2007, p. 235), por exemplo, defende que, antes do fim do primeiro século a.C., esforços para o engrandecimento de Roma foram episódicos e mesmo as magníficas obras arquitetônicas erguidas por generais durante o segundo e primeiro séculos a.C. tiveram um impacto coletivo limitado e não conseguiram transformar Roma. “Apenas quando o poder se concentrou sob um homem que a preocupação com a imagem urbana de Roma como um todo começa a ser abordada” (FAVRO, 2007, p. 235).

Ao ler o prefácio do primeiro livro do *De Architectura*¹⁴, no qual Vitrúvio dedica a obra a este governante, podemos perceber por meio da escrita deste arquiteto a importância que Augusto conferiu à arquitetura para o engrandecimento de Roma, bem como podemos perceber a importante relação existente entre a arquitetura e a perpetuação da memória. Vitruvius inicia sua obra se dirigindo a Augusto nos seguintes termos:

Havendo a tua divina mente e a tua grandeza, ó Imperador César, submetido o mundo com Império, prostrados com força invicta todos os inimigos, tendo-se gloriado os cidadãos com a tua vitória e triunfo, dependendo do teu gesto todos os povos submetidos e sendo governados o Povo e o Senado romanos, livres de temor, pelos teus preciosíssimos pensamentos e conselhos, não ousarei, no meio de tantas ocupações, apresentar-te um Tratado sobre Arquitetura, escrito e concluído depois de profundas reflexões, temendo encontrar desagrado no teu espírito, perturbando-o em tempo inoportuno (Vitr. 1. Pr. 1).

14 Único tratado de arquitetura a nos chegar praticamente completo da Antiguidade aos nossos dias. Obra composta por 10 livros, foi escrita por Vitruvius, que a dedicou a Augusto, tendo publicado sua obra por volta de 27 a.C.

Antes de qualquer coisa, devemos destacar que, no trecho acima, Vitrúvio se dirige ao *princeps* como *Imperator Caesar*¹⁵, alusão clara às vitórias e triunfos de Augusto e que lhe conferiram este título. Além disso, tal forma de nomeá-lo permite-nos ter uma noção de quando a obra foi escrita e publicada. Segundo M. Justino Maciel (2007, p. 34-35), a redação e publicação do *De Architectura* estão inseridas na época que corresponde ao início do governo de Otávio Augusto, embora muito provavelmente os primeiros apontamentos e a preparação da obra seriam anteriores. A redação definitiva deve ter coincidido com o momento no qual se observou em Roma um grande desenvolvimento construtivo sob as ordens de Augusto. Maciel esclarece ainda que as referências da dedicatória e a menção de edifícios da cidade levam a pensar na redação da obra entre 35 e 25 a.C., e que a entrega definitiva ao Imperador pode ter ocorrido mesmo até 20 a.C., embora o mais provável é que tenha ocorrido antes de 27 a.C., pois neste ano o Imperador ganhou o título de Augusto, e Vitrúvio em toda a obra jamais se dirigiu a ele utilizando este título, de modo que sempre usou os termos *Imperator*, *Caesar* ou *Imperator Caesar*¹⁶.

Também percebemos neste trecho o tom elogioso com o qual Vitrúvio se dirigiu ao imperador, exaltando sua divina mente e grandeza. Esta menção à divina mente de Augusto pode ser vista como uma clara ligação com aspectos divinos do qual o Imperador era portador¹⁷.

A menção que Vitrúvio faz ao grande poder de Augusto, que com *imperium* submeteu o mundo (*orbis terrarum*) e com força invicta derrotou todos os inimigos, pode associar-se à noção que se tinha à época, na qual Roma era a capital do amplo Império territorial que abrangia praticamente todas as terras existentes, pelo menos como estava expresso materialmente no mapa de Agripa¹⁸ e nas diversas moedas que representavam a Vitória sobre o globo. Por meio deste trecho, Vitrúvio expressa também a percepção de que o domínio sobre todo o *orbis terrarum* se deu após a derrota dos inimigos, ou seja, da paz advinda da guerra. Dentre estes inimigos que

15 Segundo Paulo Martins (2011, p. 50), o título honorífico de *imperator* “concedido ao general depois de uma campanha vitoriosa implicava não só a habilidade específica na arte de guerrear, mas também a excelência e a capacidade de definição e de compreensão do todo em relação à parte”. De acordo com Frances V. Hickson (1991, p. 132), Otaviano passou a usar o título de *imperator* como prenome. Para este autor isso era algo incomum, talvez novo, e Dion Cássio estava errado em sua declaração de que Otaviano recebeu esse direito em 29 a.C., já que a evidência epigráfica apoia uma data anterior, talvez já em 38 ou 40. “Seja qual for a conotação mais ampla que possa ter evocado, a imagem do triunfador foi inquestionavelmente presente — um general que, em virtude de seu *imperium* e proeza, ganhou uma aclamação imperial. Ao assumir o nome de *Imperator*, Otaviano fez desta imagem uma posse pessoal permanente”.

16 Apesar deste importante dado que ajuda a estabelecer a datação da obra, nos deparamos com um problema, pois, como lembra Maciel, Vitrúvio (Vitr. 5. 1. 7) refere-se a um templo de Augusto (*aedis Augusti*) na basílica de Fano, o que fez com que os pesquisadores acreditem que a escrita do livro 5 é posterior ou que o mesmo tenha sofrido alterações em edições posteriores.

17 Seja por ser o filho de um *diuus*; seja porque Vitrúvio estivesse sob a influência de cidades Helenísticas, nas quais grandes homens, ainda vivos, poderiam ser venerados como deuses; seja, simplesmente, pelo fato de que entre os romanos existia o culto ao *genius* do *pater familias*, ou seja, o culto à potencia divina inerente no *pater familias*.

18 Por volta de 12 a.C. Agripa mandou preparar um grande mapa do mundo, que foi concluído por

Vitrúvio tinha em mente, podemos nos atrever a colocar Cleópatra e Marco Antônio, figuras chave em toda ideologia e propaganda desenvolvida na época e sobre as quais Augusto triunfou em 29 a.C. A ligação deste trecho com a vitória de 31 a.C., em Ácio, fica ainda mais evidente pelo fato de que Vitrúvio fala claramente sobre a glória que Augusto trouxe aos cidadãos por meio de sua vitória e triunfo (tendo-se gloriado os cidadãos com a tua vitória e triunfo. (Vitr. 1. Pr. 1), menção clara ao triplo triunfo de Augusto. Por meio desta vitória e triunfo, o povo e o senado ficaram livres do temor, temor este que pode ser associado aos tumultuosos anos de guerras civis que haviam assolado Roma antes da vitória de Augusto sobre Cleópatra e Marco Antônio.

Vitrúvio coloca o poder de Augusto acima de todos os outros, pois do gesto dele dependiam todos os povos submetidos, e o povo e o senado seriam governados por seus conselhos e pensamentos.

Além disso, podemos perceber a semelhança entre a linguagem de Vitrúvio e a de Augusto, nas *Res Gestae*¹⁹, pois no prefácio desta, Augusto menciona, assim como Vitrúvio, o fato de ter submetido o mundo, diferindo apenas pelo fato de que Augusto acrescenta que submeteu o mundo ao império do povo romano. Além disso, na parte 5 das *Res Gestae*, Augusto afirma que livrou toda a comunidade do medo e dos perigos, assim como Vitrúvio ao falar que o povo e o senado romanos estavam livres de temor.

No fim deste trecho Vitrúvio esclarece que o tratado foi escrito e concluído após profundas reflexões, exaltando, com isso, o seu próprio trabalho e o valor de seus escritos. Ele afirma também que não ousaria incomodar Augusto, se visse que isso lhe traria algum desagrado. No entanto, no trecho seguinte de seu prefácio, Vitrúvio se torna ainda mais claro ao explicitar o motivo que o fez ousar e apresentar o seu trabalho a Augusto, quando afirma:

Tendo, porém, notado que não apenas te preocupas com a vida comum de todos e com a ordem do Estado, mas igualmente te empenhas com a oportunidade dos edifícios públicos, porque a Cidade não foi apenas engrandecida, através de ti, com as províncias, mas também a dignidade do Império foi sublinhada pela egrégia autoridade dos edifícios públicos, julguei que não deveria adiar, mas, bem pelo contrário, deveria te apresentar, quanto antes, estes escritos sobre estas coisas [...] (Vitr. 1. Pr. 2).

Neste importante trecho, Vitrúvio esclarece que não adiou a publicação de sua obra, pois percebeu a preocupação de Augusto não só com a vida em comum e com a ordem do Estado, mas também com a importância dos edifícios públicos. Vitrúvio mostra que sob o governo de Augusto tanto a cidade quanto as províncias foram

Augusto. Tal mapa se localizava no Pórtico Vipsania. Provavelmente deve ter sido desenhado de forma alongada ao longo da parede do pórtico, com dimensões de 30 pés por 60 pés.

19 “Abaixo uma cópia dos feitos do Divino Augusto, pelos quais submeteu o mundo ao império do Povo romano, e dos gastos que fez pela República e pelo Povo romano, registrados em dois pilares de bronze postos em Roma” (*Aug. Anc. Pr.*).

engrandecidas com tais construções, de tal forma que a atividade construtiva possibilitou que a dignidade, a majestade do império (*maiestas imperii*) fosse sublinhada pela egrégia autoridade dos edifícios públicos.

De acordo com Lothar Haselberger (2007, p. 52), se César já havia considerado que a aparência de Roma estava muito aquém da dignidade e do atual poder do império, depois da vitória de Otávio Augusto em Ácio e Alexandria, esta paradoxal relação entre a aparência da cidade e a *maiestas imperii* deve ter parecido bem mais óbvia. Segundo este autor, Vitrúvio, no trecho acima citado, ao tratar sobre o engrandecimento da cidade e das províncias e sobre as mudanças iniciadas por Augusto, não era uma voz solitária neste período (em torno de 27/25 a.C.), pois Roma já estava experimentando um processo de dramática mudança.

Vitrúvio, conhecedor do potencial que a arquitetura possuía de conferir grandeza e monumentalidade para as cidades, aproveitou este momento de grande atividade construtiva para apresentar seu trabalho, “escrito e concluído após profundas reflexões” (Vitr. 1. Pr. 1), para o *Imperator Caesar*. Com isso ele ligava seu nome de modo imorredouro àquele que se orgulhava de ter transformado em mármore a cidade de tijolos que tinha encontrado.

Na última parte deste prefácio, Vitruvius deixa ainda mais evidente o importante papel desempenhado por Augusto na indústria construtiva de Roma, de modo que o princeps figura como sendo o patrono de diversos monumentos espalhados pela cidade. Junto a isso, Vitruvius expressa a relação entre a arquitetura e a memória ao dizer: “[...] verifiquei que edificaste e edificas no momento presente muitos monumentos e no futuro te preocuparás com edifícios públicos e privados, para que sejam entregues à memória dos vindouros como testemunho dos feitos notáveis” (Vitr. 1. Pr. 3).

Este trecho de sua obra é significativo, pois demonstra a relação existente entre a arquitetura e a memória, tanto quanto mostra a preocupação de Vitruvius e de Augusto com relação a este aspecto. Nele podemos perceber a figura do arquiteto atento, que, conhecedor da importância das grandes obras arquitetônicas para a perpetuação do nome de seu idealizador e de seus grandes feitos, buscou se ligar ainda mais ao seu governante, que edificou, edificava e continuaria edificando muitos monumentos, para que fossem entregues à memória das futuras gerações.

Duas memórias complementares estão em ação aqui. Uma delas, a da posteridade, deve ser equipada com edifícios que localizam as realizações do construtor, que, sem tais *loci* para dar-lhes substância, seria levado ao esquecimento, [...]. A outra memória pertence ao próprio construtor — Augusto. A primeira, a memória da posteridade, Vitruvius indica, precisa do segundo [...] (MCEWEN, 2003, p. 87).

Vemos deste modo o importante papel desempenhado pelos monumentos augustanos de resguardar e immortalizar uma memória modelada por Augusto para atender a seus interesses. O *princeps* deu continuidade à tradição romana de se utilizar da arquitetura para conquistar maior prestígio e glória ao passo que conferia

uma grande obra para a cidade. Essa tradição, que vinha dos tempos da realeza, passando pelos grandes generais e pelas famílias aristocráticas da República, foi amplamente desenvolvida por Augusto, de modo que com ele surge uma arquitetura imperial que seria emulada por outras regiões do império, bem como serviria de inspiração e modelo para outros Imperadores depois dele.

Augusto foi notável em seu desejo de forjar um vínculo estreito entre seu regime e as antigas tradições de Roma e do Lácio, especialmente aqueles que poderiam servir para legitimar seu governo. Em particular, certas tradições “régias” referentes aos monarcas etruscos e romanos dos séculos VII e VI a.C. [...]. A criação do que podemos caracterizar como arquitetura “imperial” foi, portanto, um produto da competição pelo poder por parte dos homens dominantes da época, de uma tradição manipulada do passado régio de Roma e de uma adaptação de formas arquitetônicas importadas, facilmente encontradas nas terras das recém-conquistadas monarquias helenísticas (NIELSEN, 2014, p. 46).

De acordo com William L. MacDonald (1985, p. 138), as combinações de elementos de *design* e formas primárias que imediatamente lemos como imperiais surgiram fortemente nos tempos de Augusto. Símbolos arquitetônicos sem os quais nenhuma cidade ou vila em todo o império podia reivindicar adequadamente ser romana tiveram, pela primeira vez, ampla circulação e um conteúdo simbólico apropriado enquanto a própria síntese imperial estava sendo construída. Para este autor, neste período percebem-se duas mudanças principais nos princípios formais de composição: o primeiro é que o grau de complexidade do projeto aumentou substancialmente, resultando em composições mais complexas e articuladas. O segundo é que esse enriquecimento da arquitetura tradicional, essa multiplicação e redistribuição de elementos clássicos de desenho, baseados em parte em invenções helenísticas, se fundiram a formas arquetípicas romanas.

Além disso, como esclarece Edmund Thomas (2007, p. 22), tal como acontece com os reis helenísticos no mundo grego, o critério de tamanho enorme, altura e dominação sobre outros edifícios foi uma característica importante da ideologia arquitetônica dos primeiros imperadores romanos, já que edifícios altos incorporavam a autoridade de seus construtores. Assim, o novo regime foi marcado por um aumento na escala dos edifícios públicos, uma das formas de monumentalidade.

De acordo com Favro (2008, p. 248-249), Augusto herdou um ambiente no qual a paisagem urbana republicana estava abandonada, era materialmente pobre e desmoralizada. Como resultado, cada enriquecimento, cada melhoria nas condições tornou-se notável. Depois de décadas de confrontos sangrentos e perigo nas ruas, os moradores naturalmente elogiaram a segurança relativa iniciada com Augusto. Dentro do tecido urbano republicano preexistente, os projetos deste *princeps* formaram um grupo convincente. Para esta autora, a unidade perceptual desses trabalhos resultou, em grande parte, da introdução em grande escala de mármore em uma pai-

sagem urbana de tijolos, uma transformação material raramente possível na história. “O mais óbvio de tudo, a era augustana foi o fulcro alavancando o estado romano, e sua capital, em direção a um domínio imperial” (FAVRO, 2008, p. 249).

Deste modo, a utilização da arquitetura por parte de Augusto se inseriu na antiga tradição que remontava à realeza, passando pelas famílias aristocráticas, pelos *uiri triumphales* e por importantes personalidades que se destacaram na República Tardia; tradição esta, de conferir importantes construções para a *Vrbs*, de modo a imortalizar o próprio nome ao passo que engrandecia Roma com a egrégia autoridade dos edifícios públicos. No entanto, Otávio Augusto elevou ainda mais esta prática, desenvolvendo um amplo esforço construtivo e projetos com um alto nível de sofisticação e monumentalidade. A grandiosa *Vrbs* foi o palco escolhido por Augusto para desenvolver, por meio da arquitetura, um melhoramento da paisagem urbana, de modo que Roma passou a ser não apenas a capital do mundo conhecido, um símbolo de esplendor e grandeza, como também se constituía em uma verdadeira lição visual sobre a história romana, já que cada construção estava ligada a acontecimentos lendários ou históricos, recontando a história de Roma desde suas origens até o momento em que, sob seu governo, Roma alcançava novamente um tempo de paz e prosperidade, de forma que Augusto se tornaria o modelo a ser seguido.

LISTA DE ABREVIATURAS

Aug. Anc. - *Res Gestae Diui Augusti* (Título em português: Augusto, *Feitos do Divino Augusto*).

Vitr. - *De Architectura* (Título em português: Vitruvius, *Tratado de Arquitetura*).

FONTES

Feitos do Divino Augusto. Trad. M. Trevizam; P. S. Vasconcellos; A. M. Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura*. Trad. M. Justino Maciel. São Paulo: Martins, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAROIN, C. Mémoire romaines. *École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses. Annuaire*, Tome 106, p. 609-611, 1997.

COARELLI, F. *Rome and Environs: An Archaeological Guide*. Berkeley – Los Angeles – London: University of California Press, 2007.

FAVRO, D. Making Rome a world city. In: GALINSKY, Karl. (Ed.). *The Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 234-263.

- FAVRO, D. *The Urban Image of Augustan Rome*. Los Angeles: Cambridge University Press, 2008.
- HASELBERGER, L. *Urbem Adornare: Rome's urban metamorphosis under Augustus*. Pennsylvania: JRA Supp. 64, 2007.
- HICKSON, F. V. Augustus "Triumphator": Manipulation of the Triumphal Theme in the Political Program of Augustus. *Latomus*, T. 50, Fasc. 1 (JAN.-MAR. 1991), p. 124-138, 1991.
- KEARSLEY, R. Octavian and Augury: The Years 30-27 B.C. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 59, n. 1, p. 147-166, 2009.
- MACDONALD, W. L. Empire Imagery in Augustan Architecture. In: WINKES, R. *The Age of Augustus: Interdisciplinary Conference Held at Brown University*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique de Louvain, 1985, p. 137-148.
- MACIEL, M. J. Introdução ao Tratado de Arquitetura. In: VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura*. Trad. M Justino Maciel. São Paulo: Martins, 2007.
- MARTINS, P. *Imagem e Poder: Considerações sobre a Representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- MCEWEN, I. K. *Vitruvius: writing the body of architecture*. Massachusetts: Mit Press, 2003.
- NIELSEN, I. Creating Imperial Architecture. In: ULRICH, Roger B.; QUENEMOEN, Caroline K. (Eds.). *A Companion to Roman Architecture*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2014, p. 45-62.
- ORLIN, E. *Augustan Religion and the Reshaping of Roman Memory*. *Arethusa*, 40(1), p. 73-92, 2007.
- ORLIN, E. *Temples, Religion, and Politics in the Roman Republic*. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.
- SHIPLEY, F. W. Chronology of the Building Operations in Rome from the Death of Caesar to the Death of Augustus. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 9, p. 7-60, 1931.
- STAMPER, J. W. *The Architecture on Roman Temples: The Republic to the Middle Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- STRONG, D. E. The Administration of Public Building in Rome During the Late Republic and Early Empire. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, n. 15, p. 97-109, 1968.
- SUMI, G. S. Monuments and Memory: The Aedes Castoris in the Formation of Augustan Ideology. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 59, n. 1, p. 167-186, 2009.
- THOMAS, E. *Monumentality and the Roman Empire: Architecture in the Antonine Age*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- ZIOLKOWSKI, A. *The temples of mid-republican Rome and their historical and topographical context*. Roma: «L'Erma» di Bretschneider, 1992.